



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – CAMPUS VI  
COLEGIADO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

**A POÉTICA DE WALNÁRIA DE OLIVEIRA: FORMAÇÕES  
IDENTITÁRIAS NA COMUNIDADE DE LAPINHA**

**CAETITÉ  
2023**

**KATIANE SILVA DE OLIVEIRA**

**A POÉTICA DE WALNÁRIA DE OLIVEIRA: FORMAÇÕES  
IDENTITÁRIAS NA COMUNIDADE DE LAPINHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas do campus VI da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Prof.<sup>a</sup>: Dr<sup>a</sup> Zoraide Portela Silva.

**CAETITÉ  
2023**

**KATIANE SILVA DE OLIVEIRA**

**A POÉTICA DE WALNÁRIA DE OLIVEIRA: FORMAÇÕES  
IDENTITÁRIAS NA COMUNIDADE DE LAPINHA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Ciências Humanas do campus VI da Universidade do Estado da Bahia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr Esmeralda G. Meira**

---

**Prof. Me Edmílson de Sena Morais**

Para Celimar e Gilmar,  
Meus pais.  
Walnária de Oliveira,  
minha amiga quilombola.

## **Agradecimentos**

Inicialmente agradeço ao meu querido Deus por tão graciosamente orquestrar este momento. Por me sustentar, guiar e me conservar nesse desafio que o ambiente acadêmico promove. Sem essa bússola divina desembaraçando todo obstáculo, eu estaria perdida.

Toda minha gratidão aos meus pais Gilmar Correia de Oliveira e Celimar Pereira da Silva por de maneira tão sábia me instruírem e incentivarem nesta trajetória. Suas orações foram, sem dúvida nenhuma, o melhor remédio que acalentou minha alma ansiosa.

Às minhas irmãs Katiely e Bruna por me fazerem sorrir quando o vendaval acadêmico insistia em tomar força. Pessoas como vocês são extremamente necessárias.

Aos meus familiares e amigos queridos por todo apoio demonstrado, por todo carinho e motivação. Vocês sabem quem são.

Agradeço a minha orientadora Zoraide Portela por ser sempre solícita em me ouvir, por ser paciente e por ter aceitado a condução de minha pesquisa.

As minhas tão amadas colegas de curso Eufrazina, Miriam e Fernanda por incansavelmente permanecerem presentes ao meu lado, me ajudando, aconselhando e ouvindo. Ora temerosas, ora sorridentes. Indubitavelmente vocês fazem parte dos meus mais belos exemplos de formação docente.

Agradeço a minha amiga Walnária, protagonista desta pesquisa. Obrigada pela amabilidade em me responder e de tão bom grado fornecer os materiais necessários que moldam esta pesquisa.

Minha gratidão à comunidade remanescente quilombola de Lapinha pela disponibilidade e confiança nesse trabalho.

Muito obrigada.

OLIVEIRA, Katiane Silva De. **A poética de Walnária de Oliveira: formações identitárias na comunidade de Lapinha**. 2023. 39 p. TCC – Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa e Literatura. Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Caetité, 2023.

## **RESUMO:**

O presente trabalho tem por objetivo analisar a poética de Walnária de Oliveira com base nas formações identitárias da comunidade remanescente quilombola em Lapinha, situada no sudoeste da Bahia. Nos finais do século XVI, iniciam a formação dos quilombos – constituídos como locais de refúgio dos africanos escravizados por um regime colonial opressor. Ao longo da história, os quilombos ficaram conhecidos como um agrupamento de negros refugiados. Todavia, o termo quilombo tem assumido novas conceituações ao longo do tempo, não limitando ao conceito originário de onde surgiram. Contemporaneamente, o termo constitui grupos étnicos conceitualmente definidos pela antropologia como um tipo organizacional ao qual lutam constantemente no tocante ao pertencimento, autoafirmação e resistência. Deste modo, este trabalho surge da necessidade de dar maior visibilidade à comunidade quilombola de Lapinha, trazendo à discussão a formação identitária deste quilombo com base na poética de Walnária de Oliveira, bem como, realçar saberes nativos e acadêmicos que transformaram a produção literária cultural dessa comunidade. A pesquisa foi empreendida a partir da metodologia qualitativa, por meio da análise documental e literária, fundamentada teoricamente no pensamento de intelectuais advindas/os de áreas, tais como literatura, ciências sociais, educação, a exemplo de Ilka Boaventura Leite ( ), Kabenguele Munanga ( ), Clóvis Moura ( ), Beatriz Nascimento ( ) e Zoraide Portela ( ).

**Palavras-chaves:** Quilombo. Formação Identitária. Poética

. OLIVEIRA, Katiane Silva De. **The poetics of Walnária de oliveira: identity formations in the community of Lapinha**. 2023. XXp. TCC – Degree in Letters - Portuguese Language and Literature. Department of Human Sciences, State University of Bahia, Caetité, 2023.

## **ABSTRACT:**

The present work aims to analyze the poetics of Walnária de Oliveira based on the identity formations of the remaining quilombola community in Lapinha, located in the southwest of Bahia. At the end of the 16th century, the formation of quilombos began – constituted as places of refuge for Africans enslaved by an oppressive colonial regime. Throughout history, quilombos have been known as a group of black refugees. However, the term quilombo has taken on new concepts over time, not limiting itself to the original concept from which they emerged. Contemporaneously, the term constitutes ethnic groups conceptually defined by anthropology as an organizational type to which they constantly struggle in terms of belonging, self-assertion and resistance. Thus, this work arises from the need to give greater visibility to the quilombola community of Lapinha, bringing to the discussion the identity formation of this quilombo based on the poetics of Walnária de Oliveira, as well as highlighting native and academic knowledge that transformed the cultural literary production of that community. The research was undertaken based on a qualitative methodology, through documentary and literary analysis, theoretically based on the thinking of intellectuals from areas such as literature, social sciences, education, such as Ilka Boaventura Leite, Kabenguele Munanga, Clóvis Moura, Beatriz Nascimento and Zoraide Portela.

**Keywords:** Quilombo. Identity Formation. Poetic

**LISTA DE IMAGENS**

Imagem 1: Culinária.....	21
Imagem 2: Card. Consciência Negra.....	21
Imagem 3: Feira de Culinária artesanal .....	22
Imagem 4: Albeni M. dos Santos e Walnária dos Santos de Oliveira.....	27

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**FCP** Fundação Cultural Palmares

**INCRA** Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

**PAA** Programa de aquisição de alimentos

**PNAE** Programa nacional de alimentação escolar

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. HISTORICIDADE DOS QUILOMBOS.....	12
3. QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS: FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES.....	17
4. COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAPINHA.....	26
5. A POÉTICA DE WALNÁRIA DE OLIVEIRA.....	29
6. ANÁLISE DE POEMAS.....	31
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
8. REFERÊNCIAS.....	37
9. APÊNDICES.....	39

## 1 INTRODUÇÃO

Conforme Beatriz Nascimento (2018, p. 294) afirma, “o quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica e nacional.” E explica, o quilombo:

Passou a ser sinônimo de povo negro, de comportamento do africano e de seus descendentes e esperança para uma melhor sociedade. Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de resistência cultural. Tudo, da atitude à associação, seria quilombo, desde que buscasse maior valorização da herança negra (NASCIMENTO, 2018, p. 294)

Formados por agrupamentos de inúmeros escravos fugidos, os quilombos constituíam tipos de comunidades bastante diferenciados das que foram submetidos pela ação dos colonizadores portugueses. Desse modo, os moradores destas comunidades, denominados até então, quilombolas, participavam de todo trabalho em conjunto no que diz respeito à obtenção de alimentos, criação de utensílios, de defesa, artesanato, roupas bem como ferramentas de trabalho.

As comunidades quilombolas são ~~espécies de~~ grupos constituídos em sua maioria por uma população negra, que carregam em suas bagagens uma grande história de contribuição para a formação do povo brasileiro. É partindo disso, que este trabalho apontará em seu corpus para uma representação da identidade quilombola na poética do quilombo da Lapinha.

Deste modo, esta produção surge da necessidade de dar maior perceptibilidade à comunidade quilombola de Lapinha situada no município de Igaporã, no sudoeste da Bahia, como também estudar sua origem, características, trazendo à discussão a representação identitária deste quilombo com base na poética de Walnária de Oliveira, eliminando assim qualquer pensamento que reduz sua compreensão, bem como, realçar saberes nativos e acadêmicos que transformaram a produção literária cultural dessa comunidade.

Os levantamentos vêm fundados em dados da SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA e na ASSOCIAÇÃO da própria comunidade. O presente trabalho de cunho social muito tem a contribuir com o meio

acadêmico, a comunidade em geral e em especial com a própria comunidade quilombola, possibilitando assim uma discussão para que o poder público possa criar políticas públicas que a contemplem, haja vista as necessidades e dificuldades básicas, como acesso a água, saúde e de visibilidade.

Portanto, o trabalho visa destacar as produções literárias oriundas desta comunidade identificando as formações identitárias que a molda, provendo ao mesmo tempo, condições materiais e sociais aos estudantes universitários do campus VI, quilombolas ou não, que se interessem pelo estudo aqui abordado com o objetivo de tornar possível o cumprimento da Lei 10.639/03, introduzindo nos currículos das escolas públicas e privadas dos ensinos fundamental e médio a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura dos afro-brasileiros e africanos.

Atualmente, essas comunidades têm ganhado novas significações tendo em vista as transformações ocorridas ao longo da história. Assim, o que define e caracteriza estas comunidades sem dúvidas é a sua representatividade, auto identificação e autonomia. Desse modo, o trabalho objetiva analisar as formações identitárias desta comunidade, tendo como base o *corpus* escolhido: a produção literária produzida por uma de suas moradoras.

Com o intuito de realizar a pesquisa com afinco, alguns levantamentos e técnicas foram aplicadas e consideradas fundamentais nas quais servirão como norte para o caminho do estudo proposto. Inicialmente se deu o levantamento de autores, como: Bernd (1992), Guimarães (1999), Leite (2000), Hall (2003), Moura (1999), Munanga (1996), Reis (1996) e Schwarcz (2015) que discutem e contextualizam as temáticas em: quilombo, representatividade, identidade e suas formações. Desta forma, a metodologia trilhará caminhos de caráter qualitativo, por meio da análise documental e literária, feita por meio da leitura, fichamentos de textos e análises literárias, a fim de relativizar teorias existentes em torno do assunto.

Paralelo a isso, ocorreu a seleção dos poemas produzidos e busca de informações documentais por meio de históricos institucionais, associativo e/ou oficial, considerados cientificamente autênticos, nos quais darão sustentabilidade e confiabilidade à pesquisa.

## 2 HISTORICIDADE DOS QUILOMBOS

O desenvolvimento histórico do Brasil, desde o início da colonização, foi marcado principalmente pela exploração da mão de obra de negros trazidos da África e transformados em mão de obra escrava no Brasil pelos europeus colonizadores no país. Os escravos foram utilizados principalmente em atividades voltadas para a agricultura com uma notoriedade maior à atividade açucareira, já quanto à mineração, exerciam um grande papel na economia além de serviços braçais domésticos ou urbanos. Destarte, a existência e a exploração desses trabalhadores os serviram para estruturação da colônia e após a independência e formação do Estado e da sociedade brasileira.

No entanto, exauridos da tortura e crueldade, a contrarreação negra escravista e antirracista anteciparam e deslegitimaram a abolição, organizando lutas libertárias a exemplo das revoltas negras e da formação de quilombos.

Deste processo, cabe destacar a Revolta dos Alfaiates, em 1799, liderada por Luiz Gonzaga das Virgens, que reuniu artesãos, alfaiates, soldados, sapateiros, ex-escravos e negros escravizados. Outra revolta importante foi a pernambucana de 1817 marcada pela influência da Revolta dos Alfaiates da Bahia. Neste mesmo passo, a Revolta dos Males, maior revolução negra liderada por negros hauças e nagôs, que unidos pela fé ao islamismo, buscaram estabelecer uma república negra e islâmica na Bahia. (Movimento Negro Unificado 1988).

Destarte, o conflito direto, as fugas e a formação de quilombos eram as mais significativas formas de resistência. Desta forma, os quilombos eram espécies de comunidades constituídas por escravos fugidos das fazendas no período do Brasil colonial. Assim, o período de maior formação dos quilombos aconteceu em meados dos séculos XVI e XIX, os escravos procuraram um meio de sobrevivência, por meio dos quilombos. Além disso, a preservação de manifestações religiosas, certos traços da culinária africana, a capoeira, o suicídio e o aborto, eram outras vias de luta contra a escravidão.

É iniludível afirmar, que os quilombos são a materialização da resistência negra frente à escravização, sendo uma das primeiras formas de defesa dos negros, contra não só a escravização, mas também à discriminação

racial e ao preconceito. Ao mesmo tempo, os quilombos foram importantes para que traços diversos da cultura africana se mantivessem vivos em nossa própria cultura atual. Ritos, danças, pratos e expressões comuns ao território brasileiro são nitidamente influenciados pela cultura africana.

Naquele tempo, este termo denominava os locais de refúgio dos africanos e afrodescendentes escravizados em todo o continente americano. Desta forma, a palavra quilombo era utilizada para denominar os espaços escondidos e fortificados localizados no interior das matas em que os escravos negros se refugiavam após suas fugas. Nestes locais, eles viviam de acordo com as suas culturas, sobrevivendo da subsistência através daquilo que eles plantavam, colhiam, cultivavam e pescavam além de desenvolverem danças, músicas e manifestações religiosas.

Em 1740, os portugueses compreendiam os quilombos como “agrupamentos composto por cinco ou mais negros fugidos”. Essa definição foi baseada conforme Conselho Ultramarino (espécie de um órgão criado por D. João IV, em Lisboa, regulamentado pelo Regimento de 14 de julho de 1642, com atribuições em áreas financeiras e administrativas, primeiro, da África portuguesa e da Índia portuguesa e, depois, de todo o ultramar, incluindo o Brasil.).

Assim, baseado na visão colonialista, os quilombos eram:

Comunidades formadas fundamentalmente, mas não exclusivamente, por escravos fugidos. Seu caráter, determinado pela condição de escravos fugidos, coloca-os em confronto permanente e direto com a ordem escravista e com os agentes encarregados da sua manutenção. (GUIMARÃES, 1999).

De acordo com Kabengele Munanga (1995/1996), o quilombo é um termo de origem *bantu*, do umbundo *kilombo*, que consistia numa instituição política e militar que englobava várias regiões da área bantu. Ainda é revelada a presença dos negros bantus e sua liderança nos quilombos além de destacar seu caráter transcultural, já que reunia negros de outras regiões africanas e demais indivíduos marginalizados pelo regime colonialista. Além de índios e brancos.

Em outras definições, a palavra quilombo é oriunda de dois termos africanos, o “*kilombo*” ( quimbundo) e o “*ochilombo*” (umbundo). Estes termos

remetem a um lugar de descanso, utilizado por povos nômades, ou que estavam se deslocando de cidade em cidade.

Para Clovis Moura, o termo “quilombo” é definido como uma organização sociopolítica na qual ocorre a luta e a resistência contra o sistema escravocrata. Pois, em uma sociedade que defende a escravidão o escravo,

“[...] pela sua posição no espaço social, para dinamizá-la tem de negá-la, já que não lhe oferecem possibilidades de ascensão capaz de modificá-la. Esta necessidade é que leva o escravo a se organizar em movimentos ou grupos de negação ao sistema” (MOURA, 1986, p. 11).

É profícuo ressaltar, que os quilombos também eram conhecidos na América espanhola como *palenques*, já na América francesa era *maronage* e, por último, na América inglesa nomeados de *maroon communities*.

No Brasil, a conceituação para estes agrupamentos receberam o nome de quilombos ou mocambos. Os quilombos formados no Brasil mantinham uma relação de semelhança com o quilombo africano situado na Angola entre os séculos XVI e XVII, devido ao fato de acolherem pessoas de diferentes etnias marcadas pela insatisfação e pelo regime opressor sofrido. Dessa forma, segundo Munanga(1995/1996, p.63), aos percalços dos quilombos africanos, os quilombolas no Brasil: “transformaram esses territórios em espécie de campos de iniciação à resistência”

Na maioria das vezes, os quilombos ficavam distanciados das áreas urbanas, situando-se em áreas de difícil acesso como morros ou interior das matas dificultando o acesso de qualquer ameaça inimiga. Assim, os quilombos tornaram-se uma nova possibilidade de vivência na ordem escravista, pois conciliavam dentro de um novo espaço político, resistência e negociação, rejeição e convivência, sendo assim, perigoso aos olhos dos senhores.

Um dos quilombos mais famosos na história brasileira é o “Quilombo dos Palmares”, oriundo do período colonial sendo criado na serra da Barriga Verde, no estado de Alagoas. Formado no início do século XVII, acolhia um grupo que se constituíam em uma grande comunidade negra integrada por milhares de pessoas.

Este quilombo tinha por líder Zumbi dos Palmares, o principal representante da resistência negra à escravidão na época do Brasil Colonial.

Sob sua organização, a comunidade alcançou uma população equivalente a trinta mil habitantes além de possuir coragem e desenvolver conhecimentos militares. A expansão deste quilombo aconteceu devido às invasões holandesas, momento em que vários escravos aproveitaram do distúrbio para fugirem dos engenhos.

Após a deflagração de várias batalhas, o capitão-mor Fernão Carrilho quase deu fim à Palmares em 1678, após aprisionar vários de seus principais líderes. Quando a contenda parecia estar finalmente resolvida, apareceu a figura do líder Zumbi rearticulando novas forças que resistiram até os últimos anos do século XVII.

Os quilombos, a exemplo de Palmares em Alagoas, liderado por Zumbi, a resistência religiosa afro-brasileira, a capoeira e as diversas manifestações culturais corroboraram para que nunca os negros escravizados fossem totalmente escravos.

Assim o quilombo surpreendia pela capacidade de organização, de resistência, de desgastes das forças de produtivas, quer pela ação militar, quer pelo rapto de escravos, fato que constituía, do ponto de vista econômico, uma subtração ao conjunto das forças produtivas dos senhores do engenho (Movimento Negro Unificado, 1988: p.60)

Deste modo, Zumbi é considerado um dos maiores líderes da história quilombola tido como símbolo da resistência e luta contra a escravidão, sendo lembrado e comemorado em todo o território nacional no dia da Consciência Negra, sobretudo na data de sua morte, 20 de novembro.

Conforme Reis, 1995/1996, p. 16 o quilombo podia ser pequeno ou grande, temporário ou permanente, isolado ou próximo dos núcleos populacionais; a revolta podia reivindicar mudanças específicas ou a liberdade definitiva, para grupos específicos ou para os escravos em geral.

### **3 QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS: FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES**

Na contemporaneidade, o termo quilombo tem assumido novas conceituações na literatura, na antropologia, na história, na geografia, etc. bem como para os grupos especializados e, também para indivíduos e organizações formais e não formais. Cabe salientar que, os avanços em termos de estudos histográficos e antropológicos demonstraram que conceito imperial situava-se

longe da realidade fática vivenciada pelos quilombos. Sendo assim, o termo vem sendo ressemantizado mediante a situação de vários agrupamentos no território brasileiro.

Em tempos hodiernos, a expressão não se limita a resquícios e resíduos arqueológicos datados do tempo escravocrata que diziam respeito aos moradores quilombolas, tão somente a grupos isolados e uma população rigorosamente homogênea.

Neste sentido, constituem grupos étnicos conceitualmente definidos pela Antropologia como um tipo organizacional que confere pertencimento através de normas e meios empregados para indicar afiliação ou exclusão (BOLETIM INFORMATIVO NUER, 1996).

Uma das mais importantes dimensões da luta afro-brasileira nas décadas de 1980 e 1990 está na mobilização das chamadas comunidades negras rurais ou remanescentes de quilombolas, espalhados por todo o território nacional e que começam a se organizar para defender-se da agressão dos que cobiçam suas terras lutando pelos direitos humanos e civis de forma geral, e especificamente, para a implementação do Artigo 68 das Disposições Transitórias da Constituição, que lhes garante o direito à demarcação e posse das terras.

Para isso, o conceito de “remanescente de quilombo” foi formulado com base em uma demanda suscitada pelas discussões em torno do artigo nº 68 do Ato das Disposições Transitórias da Constituição Federal de 1988, que prevê “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir a eles os títulos respectivos”. Deste modo:

“Podem-se definir quilombos contemporâneos como comunidades negras rurais habitadas por descendentes de escravos que mantêm laços de parentesco e vivem, em sua maioria, de culturas de subsistência, em terra doada, comprada ou ocupada secularmente pelo grupo. Os negros dessas comunidades valorizam as tradições culturais dos antepassados, religiosas ou não, recriando-as no presente. Possuem uma história comum e têm normas de pertencimento explícitas, com consciência de sua identidade étnica.” (MOURA, 1999: 100).

Em virtude disso, os remanescentes de quilombo são definidos como grupos étnico-raciais que possuem também um percurso histórico próprio, dotado de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade

negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida, e sua caracterização deve ser dada segundo critérios de auto-atribuição atestada pelas próprias comunidades.

Atualmente, existem várias comunidades que são remanescentes de quilombos formados durante a época colonial. Reconhecendo a presença e a soberania dos descendentes de quilombolas nessas regiões, o governo concedeu títulos de propriedade aos habitantes dessas regiões.

No ano de 2008, as estimativas publicadas apontam a existência de 185 comunidades quilombolas espalhados em cerca de 980 mil hectares. Destarte, é reconhecida a existência de comunidades quilombolas em 24 estados brasileiros, sendo eles: Amapá, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe. Esses documentos variam entre Constituições, Leis e Instruções Normativas, dentre outros, com diferentes pesos legais e graus de implementação.

O decreto 4.887 de 20 de novembro de 2003 regulamentou procedimentos de identificação, delimitação, reconhecimento e titulação das terras ocupadas pelos remanescentes quilombolas, art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, em seu art. 2º, estabelece:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-definição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

A certificação por parte da Fundação Palmares é o primeiro passo para que uma localidade inicie o processo de titulação da terra, etapa conduzida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

O nordeste é a região brasileira onde se encontra os maiores números de pessoas remanescentes quilombolas, com uma maior abrangência no estado da Bahia. Reconhecida pela Fundação Cultural Palmares (FCP), a Bahia lidera o ranking dos estados brasileiros com localidades reconhecidas como descendentes remanescentes quilombolas. Assim como no período

escravocrata, na atualidade a população remanescente quilombola criaram estratégias de resistência a fim de perpetuar tais práticas às futuras gerações.

A comunidade quilombola em Lapinha tem firmado sua resistência por meio da formação de sua identidade ao longo do tempo. Estas formações configuram-se no pertencimento a uma comunidade negra, em que o orgulho pela cor, origem e mesmos ideais moldam a sua identidade.

Assim, por meio da formação indenitária o indivíduo não somente fortifica os laços, buscando seus direitos garantidos, na relação construída em grupo, como também é capaz de crescer individualmente. No entanto, vale destacar que a forma como cada comunidade se apropria do conceito quilombola é crucial para a manifestação da representatividade identitária desse grupo. A identidade de um grupo é caracterizada pela conformidade com os interesses e predileções sociais individuais ou coletivos, de modo que haja coerência e totalidade. Como postula afirma Fernandes e Munhoz (2013, p. 357),

A identidade apresenta-se como campo inventivo político, como lugar de criação dos despossuídos, que na luta por seu reconhecimento inventam outros modos de existência. Não se descobre uma identidade política, ela se faz e refaz frente aos condicionantes históricos que a sobrepujam e ao desejo de transformação dos que dela participam.

Para Stuart Hall, as identidades nacionais das quais fazemos parte não estão impressos em nosso gene, mas se constituem à partir das culturas nacionais. Para isso, ele apresenta três conceitos de identidade predominantes: a do sujeito iluminista; a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. À primeira identidade, remete o entendimento do sujeito iluminista baseado no indivíduo centrado e unificado, numa formação consistida interiormente, no nascimento.

Em segundo lugar, a identidade é formada no “contato” e /ou “interação” entre o eu e a sociedade. Embora haja uma “essência” interior, tal essência é concebida e modificada numa troca contínua com o mundo externo. Ou seja, ao passo que internalizamos os significados e valores dos objetos do mundo, também projetamos “nós mesmos” nessas identidades. A identidade, segundo

Hall (2005, p. 12) costura (ou, usando uma metáfora, “sutura”) o sujeito à estrutura.

No sujeito pós-moderno, por sua vez, esta identidade é fragmentada, formada não somente de uma, mas de diversas identidades, formadas e transformadas diariamente, de modo contínuo. Como ele afirma:

[...] o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

Desse modo, existem algumas formações culturais presentes na comunidade remanescente em Lapinha, o apego à religiosidade é visto a partir da devoção pelos santos católicos; enquanto às lutas, há a capoeira como uma das manifestações corporais mais frequentes; quanto à arte, existem atividades musicais configurando assim na transmissão de seus valores culturais, sendo uma das mais importantes formas de resistência; quanto à literatura, poemas; quanto à culinária, bolos, doces, pães; por fim, em relação ao artesanato, observamos a confecção de tapetes, bordados, crochês, vestimentas.

Imagem 1: Culinária



Fonte: Arquivo pessoal

Estas formações são resultado de uma manifestação denominada Associação dos Pequenos Agricultores da Comunidade Quilombola de Lapinha e Adjacências que teve origem após diálogos com representantes da região no ano de 2006. Os associados realizam eventos como quadrilha em festas juninas, consciência negra, conferência e simpósios.

Imagem 2: Card. Consciência Negra



Fonte: Arquivo pessoal

Sabendo que as comunidades remanescentes quilombolas são compostas em sua maioria por negros, faz pertinente alegar que muitas são as dificuldades de inserção dos negros na sociedade brasileira desde a discriminação ocupacional até a imagética, sendo necessária a criação de leis, a fim de diminuir as desigualdades e garantir a todos os direitos que lhes são previstos.

A fim de promover o combate ao racismo, foi promulgada em 9 de janeiro de 2003, na época pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva, a lei 10.639 que consiste na obrigatoriedade do ensino de “ História e Cultura Afro-brasileira” dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, bem como a inclusão do dia 20 de novembro, como o dia da consciência negra nos calendários escolares.

No ano de 2010 foi criado o Estatuto de Igualdade Racial no Brasil “Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Art. 1º, esta Lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica”. Ao passo que foi estabelecida no Brasil uma forte política de cotas nas universidades e concursos públicos bem como a criação de datas comemorativas.

É lícito enfatizar que apesar de todas as leis e políticas públicas voltadas ao processo afirmativo da comunidade negra bem como a obrigatoriedade do estudo da temática afro-brasileira, as barreiras da discriminação persistem.

A despeito disso, dentre todas as iniciativas encontradas é de fundamental importância destacar as mais significativas como políticas de reconhecimento: o reconhecimento de propriedade de terras ocupadas por comunidades remanescentes de quilombos; as ações afirmativas de integração do negro na sociedade de classes; os direitos sociais, econômicos e culturais; e, por fim, a criminalização do racismo.

Na época da redemocratização do Brasil, lideranças das comunidades remanescentes de quilombos aliadas ao Movimento Negro reforçaram a busca por direitos de cidadania. Desta forma, asseguraram o direito à preservação de sua cultura e identidade, bem como o direito à titulação das terras ocupadas por futuras gerações e gerações de homens e mulheres, que se contrapuseram ao regime escravocrata e constituíram um novo modelo de sociedade e de relação social e auto definição.

As comunidades remanescentes de quilombos fazem parte do patrimônio cultural da nação (CF/88, art. 216). Elas retratam e preservam a cultura afro-brasileira, remanescente do povo africano que colonizou este País e, portanto, devem ser protegidas pelo Estado, de acordo com o art. 215, § 1º, da Constituição Federal de 1988.

O art. 216, § 1º, da mesma Constituição estabelece que o Poder Público deva promover e proteger o patrimônio cultural brasileiro por meio de todas as formas de acautelamento e preservação existentes.

O patrimônio cultural é compreendido como conjunto de todos os bens, manifestações populares, cultos, tradições tanto materiais quanto imateriais (intangíveis), que reconhecidos de acordo com sua ancestralidade, importância histórica e cultural de uma localidade que inclui ou país, localidade ou comunidade adquirem um valor único e de durabilidade representativa simbólica/material. Assim, de acordo com sua particularidade e significativa forma de expressão cultural, é classificada como patrimônio cultural, determinando sua proteção, para garantir a continuidade e preservação. Com a intenção de assegurar, para as gerações futuras conhecer seu passado, suas tradições, sua história, os costumes, a cultura, a identidade de seu povo.

Em seus artigos 215 e 216, a Constituição Federal ampliou a noção de patrimônio cultural ao levar em consideração a existência de bens culturais divididos em material e imaterial.

Os bens de natureza imaterial correspondem às práticas e domínios da vida social cotidiana que se exteriorizam em saberes, ofícios e modos de fazer, celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares a exemplo dos mercados feiras livres e santuários. Já os bens de

natureza material são formados por um agrupamento de bens culturais de acordo sua origem: arqueológico, paisagísticos, e etnográfico bem como histórico vez que engloba belas artes e artes aplicadas.

Na comunidade de Lapinha, o sincretismo religioso se propaga entre as práticas estabelecidas através da religião Católica e do Culto Afro. Move o imaginário dos moradores de Lapinha o temor a assombrações e almas penadas, como forma de afastamento destes medos, são realizadas rezas a fim de que as almas retornem para o lugar de origem.

À vista disso, a comunidade quilombola de Lapinha é tida como patrimônio histórico cultural, pois conservam dentro de suas práticas costumes, hábitos adquiridos por seus ancestrais bem como perduram em suas vidas diárias os cultos religiosos com uma grande devoção aos santos, lendas, festas, celebrações, samba de roda, reisados, gastronomia, entre outros.

Mediante tudo o que foi supracitado, é evidente relatar que os quilombos foi o recurso mais utilizado pelos negros escravizados no Brasil, para fugir das tribulações e tormentas sofridas na lida diária nas grandes lavouras monocultoras à procura de uma vida digna.

A expressão “quilombos” que abarca inúmeras conceituações, e, de acordo a ótica socioantropológica e não apenas histórica possibilita a existência de novos contextos sociais que ampliam e aperfeiçoam os modos de vivencia da identidade negra, iniciando um símbolo de resistência á um regime social opressor originário do período colonial.

Sem dúvidas, uma das mais importantes dimensões da luta afro-brasileira nas décadas de 1980 e 1990 está na mobilização das chamadas comunidades negras rurais ou remanescentes de quilombolas, espalhados por todo o território nacional e que começam a se organizar para defender-se da agressão dos que cobiçam suas terras lutando pelos direitos humanos e civis de forma geral, e especificamente, para a implementação do Artigo 68 das Disposições Transitórias da Constituição, que lhes garante o direito à demarcação e posse das terras.

A comunidade afro-brasileira demonstrou sua maturidade e adiantado nível de organização para a luta em 1995, ano do Tricentenário da Imortalidade

de Zumbi dos Palmares, em que houve manifestações, festivais de cultura, atos públicos, seminários, congressos e eventos nacionais e internacionais, em todo o país. Essa efervescência culminou na marcha Zumbi dos Palmares contra o racismo, pela cidadania e a vida, em Brasília. O programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial apresentado pela executiva marcha constitui um documento fundamental de síntese das reivindicações da comunidade negra.

Ademais, as comunidades remanescentes quilombolas têm pela frente um enorme e árduo caminho de lutas para garantir os direitos já conquistados. Todavia é imprescindível a participação destes indivíduos para se fazer ouvir, nos diversos fóruns onde se discuta as questões ligadas às suas especificidades

Destarte, faz mister a necessidade de um posicionamento ativo do Estado na promoção da igualdade, vez que diante de tudo o que foi explicitado há muito a se fazer fora e dentro dos tribunais a fim de se criar políticas públicas que abarquem a todos os indivíduos para que toda manifestação de preconceito seja extinguida.

Em vista disso, o quilombo foi, portanto, um acontecimento singular em todo ângulo social, como forma de luta, contra a escravidão, como estabelecimento humano, como organização social bem como reafirmação dos valores e costumes das culturas africanas, sendo um patrimônio histórico cultural da sociedade brasileira.

#### **4 COMUNIDADE QUILOMBOLA DE LAPINHA**

A comunidade de Lapinha localiza-se a 13 km de distância da cidade de Igaporã. Composta por aproximadamente 16 famílias, a pequena comunidade destaca-se pela preservação de suas origens, envolvimento com a cultura local, e um apreço significativo às questões literárias. No ano de 2010 vendo as características culturais e tradicionais da comunidade, iniciou-se o processo para reconhecimento como comunidade quilombola, características essas que são preservadas até os dias atuais.

Neste sentido, o Quilombo Lapinha, em Igaporã-BA, foi certificado como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares no dia vinte e um



Em 2006 a associação foi fundada como “Associação dos Pequenos Agricultores da Comunidade de Lapinha e Adjacência”. A associação conta com uma diretoria composta por doze diretores que subdividem entre mulheres, homens, jovens e pessoas da terceira idade. Trata-se de uma entidade sem fins lucrativos que tem por objetivo promover o desenvolvimento da Comunidade, através do fortalecimento econômico, social e político.

Desde a sua fundação, a associação vem apoiando seus associados desenvolvendo sistemas de produção pautados na sustentabilidade dos recursos naturais, implantando técnicas com base nos sistemas agroflorestais, cultivando mandioca, verduras, hortaliças, árvores frutíferas e também criação de aves, suínos e bovinos, além de racionalizar as atividades na produção e comercialização dos produtos da Agricultura Familiar. Enquanto os homens tratam da cultura da mandioca - do preparo do solo à colheita - as mulheres foram educadas para o processamento industrial da matéria-prima, onde fabricam biscoitos, bolos, bolachas, pães e salgados que é a fonte principal de renda da Comunidade.

Á luz deste cenário, a associação vem mudando a rotina dos seus associados, diferente da que tinham há anos anteriores. As agroindústrias da associação fazem parte das ações do Projeto de Fortalecimento da Agricultura Familiar que, através da organização da associação, está levando oportunidades de crescimento econômico e social para comunidades. Além disso, os ingredientes utilizados na produção, 90% são comprados diretamente das famílias na própria comunidade, e os produtos produzidos são comercializados nos mercados institucionais (PAA e PNAE), sendo assim, uma forma de agregar valor e melhorar a renda para as famílias.

Por ser uma comunidade pequena, em Lapinha, não há serviços de saúde e educação, sendo necessário o deslocamento para o povoado vizinho, situado a 3 km de distância onde são assistidos em suas necessidades quanto à educação e saúde. Neste aspecto, na comunidade, o abastecimento de água é feito por meio de uma nascente, que se encontra na comunidade de Barbado que fica a 4 km da mesma. A comunidade enfrenta ainda dificuldades com a falta de recursos financeiros para poder incentivar e fortalecer os grupos de

atividades culturais e artesanais que são desenvolvidos na comunidade bem como a preservação da agricultura familiar.

Destarte, o artesanato que prevalece até hoje é a fabricação de peneiras, esteiras, vassouras e chapéu de palha, costuras, crochê, bordados e pinturas. A comunidade dispõe de uma variedade em produtos, com maior destaque para os derivados da mandioca e os da cana de açúcar (rapadura, farinha, tapioca entre outros). Ainda assim, uma queixa antiga dos produtores era a falta de mercado para vender seus próprios produtos. Como forma de acabar com esse desafio, a comunidade em Lapinha juntamente com a administração municipal e o sindicato operam a entrega de produtos para a merenda escolar do município, o PNAE (PROGRAMA NACIONAL DE ALIMENTAÇÃO ESCOLAR) programa que vem facilitando a vida dos produtores e produtoras da comunidade.

Os primeiros moradores deste lugar criaram algumas tradições que permanecem até os dias atuais, a saber: o reisado, cantigas de roda, rezas como ladainhas e ofícios, benzedeadas, queima de fogueiras. Eles também se reúnem para celebrar as datas comemorativas da igreja católica, com enfoque significativo à Semana Santa com as vias-sacras, o terço em família enfatizando o mês mariano, ressaltando também a importância de Nossa Senhora Aparecida, ela que é a Santa Padroeira da comunidade, com a celebração da missa na sede da Associação.

## **5 A POÉTICA DE WALNÁRIA DE OLIVEIRA**

Mulher, negra, quilombola, poeta, ativista, estudante, vice-secretária da Associação dos Pequenos Agricultores da Comunidade Quilombola de Lapinha, Walnária de Oliveira nasceu em Igaporã, Bahia, em 11 de Março de 2000, filha de Albeni Maria dos Santos Oliveira, “dona de casa”, e Alcides José de Oliveira, pedreiro, sendo a quinta entre 7 irmãs(ãos). Cabe ressaltar que Walnária é discente do curso de Letras Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia. Ela é organizadora de diversos projetos que beneficia a comunidade tais como: festejos juninos, rifas e bingos beneficentes, atuando ativamente nos bastidores e também à frente das diversas reuniões pertinentes aos interesses do seu povo.

Enquanto estudiosa ativista e escritora, Walnária está sempre presente na Comunidade Quilombola da Lapinha; na luta, na valorização e no resgate da cultura tradicional do povo quilombola, além de buscar alternativas para conscientizar a população da comunidade quilombola sobre os direitos conquistados e os que ainda estão por vir. Vale destacar que a sua mãe D. Albeni<sup>1</sup> foi uma grande defensora da comunidade quilombola e, do movimento sindical. Walnária costuma dizer: “sou herdeira das lutas da minha mãe. Herdeira de seus embates, de suas conquistas e de seu sangue remanescente quilombola”.

É uma mulher que dentre outras características tem a capacidade de transmitir o conhecimento de maneira precisa e lúdica, tornando apreciável o que poderia ser monótono. Ama estudar literatura, fazer poesias e cordéis além de ser detentora de uma habilidade ímpar para compreender o que está nas entrelinhas, oferecendo sempre sua presença e atenção a quem precisa.

Walnária, a jovem quilombola como apontado acima, herdou de sua genitora o desejo de estar ativamente nas causas sociais de sua comunidade e encontrou na poética uma válvula de escape que ofusca a dor da partida, bem como uma doce estratégia de trazer à mente lembranças de sua saudosa mãe.

Imagem 4: Albeni Maria dos Santos e Walnária dos Santos de Oliveira



---

<sup>1</sup> Albeni Maria dos Santos morreu no ano de 2017, vítima de câncer de mama.

Fonte: Arquivo pessoal

## 6 ANÁLISE DE POEMAS

As formações identitárias de um povo são construídas no âmago cotidiano entre o coletivo e individual, por meio de uma mistura heterogênea de identidades. Essas formações são como a agulha que tece pontos os quais fortificam as crenças e saberes culturais. Construindo, reconstruindo, fazendo e refazendo, de modo que a interação cultural robusteça meticulosamente as tradições preservadas de uma comunidade.

Á luz deste cenário, os quilombos não somente significaram um local de refúgio como ecoaram, por meio das vozes transcritas em versos, mediante seus remanescentes, o grito de resistência. O espaço que alude ao passado estampado pela coragem e bravosidade, hoje, abre espaço para que outros falares ganhe notoriedade por meio da poética. Luis Serguilha (2009, p. 85) destaca que: “Há poesia quando a liberdade criadora se abre ao mundo, á originalidade, à transgressão instauradora da independência selvática”. No que tange há uma conceituação da poesia, Rodolfo Hasler (2009) afirma: “é uma maneira de descobrir, uma forma de despertar aquilo que vive dentro e que dorme na aparência é acrescentar, somar, juntar e seguir diante nesse caminho iniciado, sem volta”. (HÄSLER, 2009, p. 113).

Igualmente, no que se refere ao conceito da poesia quilombola, Zoraide Portela Silva elucida seu pensamento assentindo que:

Adquire uma tensão e uma ambivalência, pois indica uma poesia que está ausente dos lugares da literatura hegemônica eurocêntrica; mas, por outro lado, apresenta-se como uma grande invenção e vem assumindo visibilidade e valor. (SILVA, 2008, n/p)

Ela afirma também, que:

Trata-se de uma poesia que produz uma reflexão sobre as convenções literárias, ao encenar a tensão dialética entre as estruturas estabelecidas e a afirmação do discurso das minorias, fazendo submergir a subjetividade e uma cultura de conquistas, de resistência e de negociação de espaços que animaram os poetas negros contemporâneos. De resistência, sem dúvida, por ir contra todos os padrões instituídos pela poesia europeia-branca, não no sentido de formar um gueto, mas de seguir uma tradição importante de alguns escritores afro-brasileiros que, há muitos anos, vêm se preocupando em fazer uma poesia que se coloca, dentre outras

coisas, como instrumento de luta pela afirmação e pelo reconhecimento social. (SILVA, 2008, n/p).

Nesse sentido, é indispensável a linguagem poética de Walnária que percalça um caminho entre a historicidade dos quilombos, suas lutas, a tradição desse povo, como forma precisa de trazer à luz o que antes estava encarcerado. No discurso poético que insere-se a seguir, a autora enaltece a singularidade da beleza que esculpe a comunidade. Embora o cenário marcante da vida e lutas dos primeiros quilombolas tenha sido regado à lágrimas, os versos a seguir comprova a riqueza resultante deste período, o qual, na contemporaneidade, é sinônimo de vitória.

No poema intitulado “*Quilombos*”, distribuído em trinta e três versos e estruturado em sete estrofes, ela diz:

Lugar de muitos encantos  
Famoso em todos os cantos  
De onde se ouve falar  
E isso te garanto  
“Lugar mais belo não há.”(OLIVEIRA, 2019,p.1)

No discurso da autora há o reconhecimento de que a comunidade remanescente quilombola ambientaliza um local de encantos e segurança. Mas nem sempre foi assim. Para que ele fosse assim caracterizado, lutas foram travadas e fugas foram planejadas. Ela reconhece:

“Fugiram das correntes  
Das cordas e do açoite  
Vagavam na mata perdidos  
Na escuridão da noite  
Buscavam um lugar de paz  
De descanso e alento  
Rezando para um dia esquecer  
/“Todo aquele sofrimento”  
(OLIVEIRA, 2019, p.1)

Evidencia-se, nas palavras da autora o reconhecimento de que, em termos históricos, os quilombos representaram uma forma de resistência em combate ao regime opressor. Nos versos: “*Fugiram das correntes*” / “*Das cordas e do açoite*” / “*Vagavam na mata perdidos*” \ “*Na escuridão da noite*” a autora traz a opressão os quais eram submetidos. Em “*Na escuridão da noite*” / “*Buscavam um lugar de paz*” / “*De descanso e alento*” destacam-se as palavras que, opondo-se umas as outras (escuridão/noite/paz/descanso), denotam a

ideia de insegurança, desamparo e a fragilidade, tecendo uma voz de lamento que caracteriza o passado – não muito distante – naquele momento.

Assim como foram os quilombos africanos, os quilombos brasileiros simbolizaram um local de pluralidade e segurança.

Pelo conteúdo, o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano, reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos. (MUNANGA, 1996, p.60).

Estes versos revelam uma realidade que infelizmente ainda é vista. O que antes era físico, hoje se tornou verbal, os chicotes deram lugar a olhares sutis, os senhores de hoje são vistos em lojas de grife, a figura hierárquica mudou, porém, ainda hoje os quilombolas lutam em busca de respeito e oportunidades iguais.

Em “*Nossa Tradição*”, poema composto por cinco estrofes e vinte e sete versos, Walnária inicia um discurso singelo e provocativo, perpetrando a poesia como meio de conscientização étnica, corroborando os sentimentos dos habitantes da comunidade e elevando as mulheres como fortes, bonitas e valentes. Ela destaca:

“Com licença minha gente  
Quero falar do meu lugar,  
Povoado por pessoas descentes,  
De gente ordeira e de coração latente  
Com mulheres fortes, bonitas e valentes” (WALNÁRIA, p.1  
2019)

No último verso: os adjetivos “*fortes, bonitas e valentes*”, acentuam a importância da atuação feminina. Na comunidade em Lapinha, essas mulheres são, em sua maioria, as construtoras dos saberes tradicionais, da culinária típica, do sincretismo religioso, e da vida comum ordeira. São elas as que dão a sustentabilidade na organização social da sociedade como manifestação de resistência e preservação das raízes.

Assim como foram no passado, toda mulher quilombola é sinônimo de resistência e contribuíram na formação da identidade de um povo. Atualmente, as mulheres da comunidade remanescente em Lapinha participam ativamente em sua formação identitária, reforçando a importância dos antepassados e batalhando pelo longo caminho que está pela frente.

No discurso poético de Walnária, destaca-se o sentimento e as querências relacionadas ao pertencimento à comunidade, à tradição, histórias orais dos antepassados e a simplicidade da vida comum. Neste sentido, é salutar as histórias orais oriundas da tradição oral, que foram repassadas de geração em geração com o objetivo de manter os saberes dos antepassados não apenas em lendas e histórias como também nos conhecimentos gerais.

Assim, temáticas relacionadas a este reconhecimento tomam forma nos versos abaixo:

Esse pedaço de chão é carregado de tradição  
Cada coisa tem seu valor, desde um simples candeeiro  
Que alumia as rodas de conversa, papo bom e sem pressa.  
Na casa da tia ou da avó, sempre tem um café feitinho da hora,  
Lugares que de tão e especiais não queremos nem mesmo ir embora.  
(OLIVEIRA, 2019,p.2)

No poema de Walnária de Oliveira, há a apresentação sutil da seca, uma dificuldade que assola o sertão desde os primórdios. Seguido a isso, nos versos: *“vejo mães criando 5, 6 e até 7 filhos” / “E nenhum, virar ladrão, pois a educação ali, também é tradição”* é evidente a voz que ecoa como um brado de manifesto da força feminina frente a criação e educação de seus filhos.

Tais palavras soam como desabafos de julgamentos já sofridos, ela aponta em um verso: *“Alguns até nos veem como sujeitos injustiçados”*. Tal desalento é contestado com o verso seguinte: *“Mas não se avexe, pois somos cabras da peste” / “A nossa religião é coisa bonita de se ver”, / “pois nenhum de nós sai de casa sem se benzer”*. Nota-se que a religião atua como um berço em que os remanentes quilombolas encontram descanso na certeza do pertencimento à comunidade. Ela ainda escreve:

Nesse lugar a seca faz faltar o pão, vejo mães criando 5, 6 e até 7 filhos. E nenhum, virar ladrão, pois a educação ali, também é tradição. Aqui o povo come farinha com rapadura, anda de pés no chão. E nunca achamos isso feio, pois feio mesmo é cobiçar o alheio. “As nossas tradições nos fortalecem, aliado ao cheirinho da mulher”. “Amada que nos engrandece”. (OLIVEIRA, 2019, p.2)

Comendo farinha com rapadura e os pés, despídos, amparados pelo chão, a autora opõe-se ao que é veementemente colocado como *“feio”*, refutando que *“feio mesmo é cobiçar o alheio”*. Esta argumentação remete às

virtudes que esculpem um povo em que a bondade e o caráter inequívoco falam mais alto. Um povo julgado e ultrajado pela aparência e pelo passado. Um povo que se ancoram na educação como forma de vencer as desigualdades cometidas contra os povos quilombolas, mas que resistem sendo fortalecidos pela tradição.

A autora finaliza seu poema com versos que reforçam a tradição e identidade de seu povo. Enaltecendo a herança deixada pelos antepassados e agora transmitida às futuras gerações, demonstrando o orgulho de suas raízes por tudo o que o quilombo representa:

Somos tradição, somos cobras criadas na caatinga  
Conhecemos nossa gente e cada pedra do caminho.  
Aprendemos a valentia com Lampião  
Nossos embornales estão cheio de oração  
E cada canto desse nosso torrão se faz presente nossa  
tradição. (OLIVEIRA, 2019,p.3).

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A poética de Walnária de Oliveira emerge como um rico conteúdo para a comunidade remanescente quilombola em Lapinha, assim como para toda a população em Igaporã, como também para a comunidade acadêmica. Nota-se, portanto, que antigamente, os quilombos, os quais eram constituídos como locais de refúgio dos africanos escravizados por um regime colonial opressor da época eram compreendidos como um agrupamento de negros refugiados têm assumido novas conceituações ao longo do tempo, não limitando ao conceito originário de onde surgiram.

Por meio da poética acima supracitada é salutar afirmar que a autora apresenta a força da comunidade remanescente em Lapinhas transcritas em versos que emitem o brado da resistência, pertencimento e autoafirmação. O brado que vem de “Palmares, Palmares, Palmares” representa para as “vozes das margens”, a afirmação e “a produção de novas identidades”. (HALL, 2003, p. 338).

## 8 REFERÊNCIAS

BOLETIM INFORMATIVO NUER. **Regulamentação de Terras de Negros no Brasil**, I (1), Florianópolis, UFSC, 1996.

Fernandes, S. L., & Munhoz, J. M. (2013). Políticas públicas quilombolas e produções identitárias: percursos históricos e conflitos políticos. In J. F. Leite & M. Dimenstein (Orgs.), *Psicologia e contextos rurais* (p. 357-384). Natal, RN: EDUFRN.

FUNDAÇÃO PALMARES CULTURA . **Quilombos ainda existem no Brasil**. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/?p=304>>. Acesso em: 20.out.22

GUIMARÃES, Carlos Magno. **Quilombos: classe, estado e cotidiano (minas Gerais século XVIII)**. Belo Horizonte: USP/FFLCH. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História), (pp. 6-10; 82-103; 323-339), 1999.

Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

HÄSLER, Rodolfo. [Depoimento]. Edson Cruz. **O que é poesia?** Rio de Janeiro: Confraria do Vento: Calibán, 2009. 144p.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas**. In: *Etnografia Revista do Centro de Estudos de Antropologia Social (ISCTEE) Portugal*, Vol. IV (2), 2000 p.333-354.

MOURA Glória. **Os quilombos contemporâneos e a Educação**. *Revista Humanidades*, Brasília: Editora UNB, n. 47, nov. de 1999.

MOURA, Clovis. **Os Quilombos e a Rebelião Negra**. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1986. 5ª ed.

MOURA, Clovis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. Ática: São Paulo, 1989

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na África**. *Revista USP*, nº 28: 56-63, São Paulo, dez./fev. de 1995/1996. *REVISTA USP*, São Paulo (28): 56-63, dezembro/ fevereiro 95/ 96

REIS, João José. **Quilombos e revoltas escravas no Brasil**. *Revista USP*, nº28: 14-39 São Paulo, dez./fev. de 1995/1996. *REVISTA USP*, SÃO PAULO (28): 14-39, DEZEMBRO/FEVEREIRO 95/96

SCHWARCZ, Lilia & STARLING, Heloisa. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Zoraide Portela. **Por uma poética da diferença: a escrita quilombola de José Carlos Limeira**. In: XI Congresso Internacional da ABRALIC. *Tessituras, Interações, Convergências*. USP, 2008, n.p.

SERGUILHA, Luis. [Depoimento]. Edson Cruz. **O que é poesia?** Rio de Janeiro: Confraria do Vento: Calibán, 2009. 144p.

UNIDADE DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL. **Territórios remanescentes de quilombos**. Disponível em: <<https://uc.socioambiental.org/territ%C3%B3rios->

de-ocupa%C3%A7%C3%A3o-tradicional/territ%C3%B3rios-remanescentes-de-quilombos>. Acesso em

## 9 APÊNDICE

### QUILOMBO

Prestem muita atenção  
Na história que irei contar  
A nossa amada Lapinha  
Vocês vão querer visitar

Lugar de muitos encantos  
Famoso em todos os cantos  
De onde se ouve falar  
E isso te garanto  
Lugar mais belo não há

Existem muitas histórias  
Contadas por quem vive lá  
Por ser comunidade quilombola  
Muito se tem para falar

Falar dos antepassados  
Que nessa terra existiu  
Fugindo da escravidão  
Foi quando o quilombo surgiu

Fugiram das correntes  
Das cordas e do açoite  
Vagavam na mata perdidos  
Na escuridão da noite  
Buscavam um lugar de paz  
De descanso e alento  
Rezando para um dia esquecer  
Todo aquele sofrimento

Cansados de andar  
Pela madrugada fria  
Fizeram da região de Lapinha  
Sua fixa moradia

E desse dia em diante  
Ficou conhecida  
Como terra quilombola  
A nossa Lapinha querida.  
(OLIVEIRA, 2019)

### **NOSSA TRADIÇÃO**

Com licença minha gente  
Quero falar do meu lugar,  
Povoado por pessoas descentes,  
De gente ordeira e de coração latente  
Com mulheres fortes, bonitas e valentes.

Esse pedaço de chão é carregado de tradição  
Cada coisa tem seu valor, desde um simples candeeiro  
Que alumia as rodas de conversa, papo bom e sem pressa.  
Na casa da tia ou da avó, sempre tem um café feitinho da hora,  
Lugares que de tão e especiais não queremos nem mesmo ir embora.

Nesse lugar a seca faz faltar o pão, vejo mães criando 5, 6 e até 7 filhos e nenhum, virar ladrão, pois a educação ali, também é tradição. Aqui o povo come farinha com rapadura, anda de pés no chão e nunca achamos isso feio, pois feio mesmo é cobiçar o alheio. As nossas tradições nos fortalecem, aliado ao cheirinho da mulher Amada que nos engrandece.

Alguns até nos veem como sujeitos injustiçados e pelo clima castigados, Mas não se avexe, pois somos cabras da peste. O que nos aflige mesmo é a falta de respeito, ao vermos o nosso direito Nas mãos de uma classe política que não tem mais jeito. A nossa religião é coisa bonita de se ver, Pois nenhum de nós sai de casa sem se benzer.

Somos tradição, somos cobras criadas na caatinga  
Conhecemos nossa gente e cada pedra do caminho.  
Aprendemos a valentia com Lampião  
Nossos embornales estão cheio de oração  
E cada canto desse nosso torrão se faz presente nossa tradição  
(OLIVEIRA, 2019)